

# INFINITY RING

LIVRO 1

## UM MOTIM NO TEMPO

JAMES DASHNER

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,  
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da  
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Por impedimentos legais, não foi possível reproduzir o material extra  
que consta da edição original.*

TÍTULO ORIGINAL A Mutiny in Time

CAPA Sammy Yuen e Keirsten Geise

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Sammy Yuen

PREPARAÇÃO Rafael Rodrigues

REVISÃO Gabriela Morandini e Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dashner, James

Um motim no tempo / James Dashner ; tradução Alexandre  
Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: A Mutiny in Time.

ISBN 978-85-65765-11-4

1. Ficção científica — Literatura juvenil 2. Ficção norte-  
-americana I. Título.

13-02132

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)



## Prólogo

DAK SMYTH ESTAVA SENTADO EM SEU GALHO FAVORITO de sua árvore favorita, bem ao lado de Sera Froste, sua melhor amiga. “Nada mal para um sábado à tarde”, pensou.

Longe da segurança daquela árvore, porém, havia muito com que se preocupar. O mundo estava indo de mal a pior, e as pessoas encarregadas de conduzir as coisas pareciam não dar muita bola para isso. Mas Dak havia decidido que não deixaria que essas questões o atrapalhassem naquele momento.

E Sera parecia pensar o mesmo.

— É muito legal aqui em cima, né? — ela comentou.

— Ah, com certeza. Fico até meio triste por não ter nascido macaco. Eu poderia viver aqui tranquilamente.

Sera deu risada.

— Você tem a personalidade de um macaco. E o cheiro. Já é mais de meio caminho andado, pelo menos.

— Valeu — agradeceu Dak, como se tivesse recebido o maior dos elogios.

Uma brisa leve fazia os galhos da árvore balançarem, o suficiente para embalar Dak até um estado de transe parcial. Ele e Sera passavam bastante tempo ali quando não tinham nada melhor para fazer. Eles aproveitavam esses momentos para conversar, e para se afastar das distrações de costume — como os adultos, que só sabiam reclamar o tempo todo dos impostos, dos índices de criminalidade e, em sussurros e cochichos, da SQ. Com todo esse ruído mental, era incrível que Dak e Sera ainda fossem capazes de raciocinar. Felizmente, ambos eram gênios... ainda que de formas bem diferentes.

— Você está animado pra excursão desta semana? — perguntou Sera.

Dak estranhou a pergunta. A classe deles iria visitar um museu cheio de peças históricas — o que ele adorava —, mas sem artefatos científicos — que eram a paixão dela. Era óbvio que ele estava animado.

— Lembra o meu aniversário no ano passado, quando eu ganhei uma réplica do lenço do Thomas Jefferson? — ele perguntou em resposta.

— Como é que eu iria esquecer? Você saiu gritando pela rua como se fosse uma garotinha histérica que acabou de encontrar um pote cheio de doces.

Dak balançou a cabeça, deliciando-se com a lembrança.

— Pois então, estou ainda mais empolgado com esse passeio.

— Saquei. Isso é que é empolgação.

Eles permaneceram em silêncio por alguns instantes, e Dak aproveitou para curtir a brisa, os sons da natureza, aquela pequena pausa nas complicações da vida. Mas aos poucos ele foi notando que Sera não parecia mais tão à vontade. Havia sinais óbvios de tensão em seu pescoço, e isso não tinha nada a ver com o esforço que ela fez para subir na árvore. Dak acompanhou seu olhar até a varanda da casa dele, onde seus pais haviam colocado uma nova bandeira. O pequeno mastro instalado na lateral da casa era geralmente utilizado para marcar datas comemorativas — bandeiras natalinas no fim do ano, a bandeira de quarenta e oito estrelas dos Estados Unidos durante o mês da Independência.

Agora, pela primeira vez, os pais de Dak tinham hasteado uma bandeira branca com um símbolo no meio, um círculo preto atravessado por um raio — o emblema da SQ.

— Não me diga que os seus pais entraram nessa.

— Acho que não. Eles dizem que é mais fácil assim. A chance de serem importunados é menor com essa bandeira hasteada aí.

— Essa SQ... eles me dão nojo — comentou Sera. Dak nunca a tinha visto falar de forma tão firme. — Alguém vai ter que enfrentar esse pessoal algum dia. Antes que seja tarde demais.

Enquanto a ouvia falar, Dak observava a paisagem do bosque atrás de sua casa. Tantos tons de verde e marrom, tantos animais... Havia partes do mundo em que lugares como

aquele tinham desaparecido completamente. Ele conhecia a história bem o suficiente para saber que, aonde a SQ chegava, os problemas chegavam atrás. Foi quando ele sentiu seu próprio arroubo de determinação.

— Talvez a gente mesmo faça isso — ele respondeu. — Nunca se sabe.

— Ah, é? — ela rebateu, distraída.

— É, afinal, sempre ouço por aí que “os tempos estão mudando” — comentou Dak.

— Ah, gostei disso.

— De repente esse pode ser o nosso lema. Talvez a gente consiga mudar os nossos tempos algum dia. Todo problema tem uma solução, não é? E a nossa inteligência tem que servir pra alguma coisa. Que tal?

Sera olhou para ele e estendeu a mão, que Dak apertou com força.

Não muito longe dali, um pássaro animado cantava.

## A única esperança

BRINT TAKASHI ENCAROU A TELA e tentou se lembrar da época em que não sabia que o mundo estava prestes a acabar.

Mari Rivera, seu braço direito, estava sentada ao seu lado e, a julgar pela maneira como balançava a cabeça, parecia ser a segunda pessoa mais deprimida do mundo, atrás apenas de Brint.

— E então? — perguntou Mari. — O que você acha?

— O que eu acho? Acho que temos uma catástrofe global em andamento — respondeu Brint. — Erupções vulcânicas por todo o Círculo do Pacífico. Nevascas em regiões da América do Sul em que nunca havia nevado antes. Se tivermos sorte, as tempestades tropicais vindas do Atlântico podem ajudar a apagar os incêndios florestais na Nova Inglaterra.

— Mas tem o lado bom da coisa — disse Mari, sem um pingo de humor na voz. — Pelo menos agora as pessoas acreditam que estamos correndo perigo.

— As pessoas ainda acreditam no que a SQ quer que elas acreditem. O medo sempre fala mais alto que a verdade. — Ele passou os dedos pelos cabelos negros e suspirou. — Aristóteles teria ficado *orgulhosíssimo*. Olha só a situação dos Guardiões da História! A SQ vai rir por último... mesmo que isso signifique a destruição do mundo.

Não era só com os desastres naturais que ele estava preocupado. Ou com os apagões. Ou com a falta de comida. Havia também as Reminiscências. Todos os dias, ao chegar em casa, Brint olhava para a fotografia pendurada acima da lareira — ele e sua mulher sentados à beira de um rio, o sol refletido na água atrás deles — e sentia um nó no estômago e uma sensação estranha na cabeça. Uma espécie de vazio se instalava em sua mente e o deixava extremamente desconfortável. Faltava *alguém* naquela foto. Não fazia o menor sentido, mas ele tinha a mais absoluta certeza de que faltava alguém ali.

E ele não era o único a experimentar esse tipo de sensação. Mais e mais pessoas eram afetadas por Reminiscências a cada dia. Elas apareciam quando menos se esperava. E eram capazes de levar uma pessoa à loucura. Literalmente.

O tempo havia saído dos eixos — era nisso que os Guardiões da História acreditavam. E, como as coisas não podiam mais ser consertadas, só havia uma esperança... voltar no tempo e corrigir o passado.

Mari fez o que sempre fazia quando sentia que ele não iria mais parar de resmungar. Ignorou suas palavras e se concentrou em buscar uma solução para o problema que tinham em mãos.



— Alguma notícia dos Smyth? — ela perguntou.

De todos os cientistas que os Guardiões da História haviam sido capazes de rastrear, eles eram os únicos cujas atividades a SQ não tinha proibido... ainda.

Brint abriu o arquivo que continha informações sobre eles e mostrou as últimas novidades. Todos os experimentos, descobertas e relatórios dos Smyth — cada coisinha que acontecia em seu laboratório no dia a dia —, tudo era monitorado pelos Guardiões da História. Sem o conhecimento deles, é claro. Mas, *depois* que o mundo fosse salvo das Grandes Fraturas, Brint faria questão de pedir desculpas.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo, como se estivessem hipnotizados pelos dados na tela. Os Smyth estavam quase lá. Se eles conseguissem sanar as lacunas existentes em seus cálculos... Se dessem aos Guardiões da História a chance de pôr em prática o plano que Aristóteles havia formulado dois mil anos antes para salvar o mundo...

— Vai acontecer, você sabe — sussurrou Mari. — E mais cedo do que eu esperava.

Brint concordou com a cabeça, e sentiu seu coração se espremer dentro do peito.

— Eu nunca imaginei que fosse viver para ver.

— Vai acontecer mesmo. O Cataclismo está próximo, e tudo o que a gente pode esperar é morrer antes que ele aconteça — continuou Mari, e suas palavras soaram como uma terrível profecia anunciada por um velho oráculo.

## 2 ∞

### Um velho num caixão

DAK SMYTH ERA UM NERD.

Ele já havia sido chamado de coisa pior, claro. Bobalhão, esquisito, panaca, CDF — tudo o que se podia imaginar. Mas a palavra que as pessoas mais utilizavam para descrevê-lo era nerd. E ele se importava? Não. Enquanto os idiotas que tiravam sarro dele estariam se matando de trabalhar aos trinta anos de idade apenas para pôr comida na mesa, ele estaria morrendo de rir em seu jatinho particular, entupindo-se de refrigerante até vomitar. E depois riria um pouco mais quando seu mordomo aparecesse para limpar tudo e, quando se cansasse, contaria todo seu dinheiro comendo pedaços enormes de queijo.

(Dak Smyth era um nerd que gostava de queijo. De uma forma quase doentia. Não era uma combinação das mais atraentes, é verdade, e ele era o primeiro a admitir isso.)

Um dia antes da grande excursão escolar ao Museu Smithsonian na capital do país, Filadélfia, Dak teve que esconder sua animação de nerd para comparecer ao mais tedioso dos eventos — o enterro de um de seus tios. Na verdade, um de seus tios-avôs, o tio-avô Frankie, um sujeito que ele havia visto umas duas vezes no máximo, incluindo o dia do velório. O que Dak encontrou ali foi um homem velho e grisalho com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito como se estivesse cochilando, o que ele devia fazer umas vinte vezes por dia àquela altura da vida. Mas, de acordo com a mãe de Dak, apoiada pelo fato de que seu corpo estava esticado dentro de um caixão, seu tio-avô Frankie tinha realmente batido as botas.

O velório havia sido um tanto tedioso e durado mais ou menos cento e trinta horas, mas agora a família inteira estava reunida para o jantar. Dezenas de pessoas que uma hora antes estavam chorando desesperadamente agora riam como hienas entupidas de caféina enquanto caíam de boca no equivalente a uma semana de comida racionada pela SQ. Dak perguntou a si mesmo se todos os enterros de parentes velhos terminavam daquela maneira tão festiva.

Junto com ele na mesa havia alguns de seus primos, mas ninguém que ele conhecesse. E não estavam conversando sobre nada que o interessasse. Tagarelavam sobre o show vagabundo que havia sido feito para a coroação do novo figurão da SQ. Ou sobre a final de um campeonato tão sem graça que Dak não sabia nem quais eram os times envolvidos (e nem ao menos de que esporte se tratava). E, para completar, uma

menina com uma espinha do tamanho do rosto do presidente McClellan esculpido no monte Rushmore bem no meio da cara começou a matraquear sobre as últimas tendências da moda, em particular sobre aqueles jeans com bolsos traseiros que faziam parecer que a bunda das pessoas estava virada ao contrário. “Qual é”, pensou Dak. “Sério mesmo que essa galera tem o mesmo material genético que eu?”

Quando sentiu que não conseguiria mais suportar aquilo por muito tempo, uma sensação bastante conhecida tomou conta de seu corpo — algo que ele sabia por experiência própria ser impossível de ignorar. Impossível.

Ele *precisava* compartilhar seu nível absurdo de conhecimentos históricos, e não podia esperar nem mais *um* segundo.

Dak levantou e limpou a garganta. Ao notar que ninguém prestava atenção, apanhou seu copo e o golpeou com a colher até que todos enfim se calassem e olhassem para ele.

— Eu tenho uma coisa para dizer a vocês — ele anunciou. Ouviu em resposta alguns gemidos e resmungos, mas tranquilizou-se pensando que era só um bando de velhotes reclamando de dor por terem sido obrigados a se mexer na cadeira. Uma rápida olhada para a mãe, porém, mostrou que ela estava escondendo o rosto com as duas mãos, e o pai o encarava com os olhos arregalados, sacudindo lentamente a cabeça de um lado para o outro com uma expressão que remetia a uma espécie de pânico.

Antes que alguém o interrompesse, Dak deu início ao seu discurso.

— Eu sei que estamos reunidos aqui para uma ocasião solene. O pobre tio-avô Frankie se extinguiu como um dodô e agora pode se decompor em paz. Hã, quer dizer, descansar em paz. Mas, hã, eu queria contar uma coisa pra vocês, algo que fizesse todo mundo se dar conta de que as coisas não são tão ruins quanto parecem.

Ele fez uma pausa para testar a reação da plateia. Ao que parecia, ele havia conseguido capturar o interesse de todos.

— Imaginem só — ele continuou —, nosso amado parente poderia ter tido o mesmo destino que Rasputin, o grande místico russo, em 1916. O pobre homem foi envenenado, levou quatro tiros, pancadas na cabeça e depois ainda foi jogado num rio. Imaginem só! Depois de ser envenenado e de ter levado um monte de tiros e pancadas na cabeça! Pobre criatura! — Dak deixou escapar uma risadinha para mostrar que não estava falando sério. — Então, como vocês podem ver, o tio-avô Frankie até que teve sorte, no fim das contas.

Dak terminou sua fala com um longo e profundo suspiro. Olhou ao redor e o que viu foram apenas expressões atônitas. E uma porção de gente piscando os olhos repetidas vezes.

— Obrigado pela atenção — ele enfim concluiu. Depois pegou um copo d'água e gritou: — À nossa saúde!

Sua mãe caiu da cadeira.



O dia seguinte era o da excursão pela qual ele esperava havia meses. Para um amante da história como Dak, ir ao

Smithsonian era melhor do que ficar trancado a noite inteira em uma fábrica de doces. Sua intenção era se entupir de informações até não aguentar mais.

No ônibus que os levaria, ele sentou ao lado de sua melhor amiga no mundo todo. Seu nome era Sera Froste, e até então ninguém havia implicado com o fato de eles serem tão chegados. Bom, a não ser por alguma piadinha do tipo “Quando vocês vão se casar?” de vez em quando. E de musiquinhas do tipo “Tá namorando” que costumavam cantar perto deles.

Tudo bem, não tem como negar: um monte de gente implicava com eles.

— Que exposições a gente vai ver antes do almoço? — Dak perguntou, depois de submeter o mapa do museu a seus marcadores fluorescentes. — E depois?

Sera desviou os olhos do livro eletrônico que estava lendo em seu tablet SQuare e lançou sobre ele o tipo de olhar normalmente reservado para os animais peçonhentos conservados em formol. Seus longos cabelos escuros tornavam sua expressão ainda mais séria, como se seu rosto estivesse emoldurado em um quadro.

— Por que você não relaxa? A gente pode ir andando por onde der na telha. Sei lá, de repente até *se divertir*.

Dak ficou de queixo caído.

— Está *maluca*?

Ele estava falando sério. Ela claramente não tinha compreendido a dimensão da oportunidade que aquela excursão significava.

— Precisamos planejar cada segundo. Não quero nem pensar em arriscar não ver alguma coisa legal.

— Ah, pelo amor — essa foi a única resposta dela antes de voltar sua atenção para seu livro, *Teoria de Cordas e outros saltos quânticos na física quântica*.

Sera também era nerd, quase tão nerd quanto o próprio Dak. “Ora, quem estou querendo enganar?”, pensou Dak. “Ela me deixa no chinelo.”

Aquela menina o havia convencido a ir até a universidade local assistir à apresentação de uma tese científica num sábado à tarde — um processo que envolveu uma ameaça de gritar que estava apaixonada por ele no meio do refeitório da escola na hora do almoço caso ele não topasse. Dak se opôs firmemente, já que queria ir ver um cara numa feira itinerante que jurava ser velho o suficiente para ter sido o podólogo do primeiro-ministro britânico Winston Churchill na Segunda Guerra Mundial. (Obviamente, ele tinha guardado algumas unhas do pé de Churchill para comprovar o que dizia.) Mas Sera garantiu que seria muito mais interessante encarar uma palestra de três horas intitulada “O efeito da desestabilização de táquions e da radiação wellsiana sobre o núcleo de dobra”.

Não foi.

No fim, Sera acabou concordando em ir embora da apresentação antes do fim, mas só porque o palestrante insistia em usar os termos *brádion* e *táquion* como sinônimos, o que, de acordo com Sera, todo mundo sabia que estava errado.

Foi quando Dak teve uma ideia. Ele passou os dedos pelos

cabelos loiros e olhou fixamente para o mapa todo rabiscado em diferentes tons fluorescentes.

— Acho que a gente pode deixar de ver o Diamante Hope pra economizar tempo. Nem sei o que significa essa “exploração dos processos biogeoquímicos que proporcionam aos minerais suas características únicas”, mas parece uma tremenda chatice.

— E você lá sabe de alguma coisa? — interrompeu Sera, deixando de lado seu SQuare. — Me dá aqui esse mapa.

Quando eles desceram do ônibus, o coração de Dak palpitava de empolgação. Ainda faltavam duas horas e quarenta e sete minutos para o terremoto que quase os mataria.